

LEITURAS E LEITORAS: A MULHER EM TEXTOS

BIBLIOTECA DAS MOÇAS: CONTOS DE FADA OU CONTOS DE VIDA?

**As representações de mulher e professora nos romances da
Coleção Biblioteca das Moças**

*Maria Terereza Santos Cunha**

Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que se passaram. Mas, pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares.

Guimarães Rosa

Mulheres e leituras armam o pano de fundo desse trabalho que se constitui numa tentativa de trazer para um espaço público a experiência privada da leitura, investigando até que ponto o ato de ler pode ser capaz de engendrar uma identidade e um imaginário próprios em quem o realiza. Assim, dispus-me a pesquisar e contar que leituras preferiam mulheres/professoras, oriundas das camadas médias da população, nas décadas de 1940/50 e 60.

As pesquisas feitas estão evidenciando a preferência feminina por um tipo de literatura romântica, publicada no Brasil pela Companhia Editora Nacional, e que fez muito sucesso editorial entre 1940 e 1960, intitulada *Biblioteca das Moças*.

Os romances da *Biblioteca das Moças* – Coleção Verde – eram obras de literatura de entretenimento, compostas de 175 volumes que foram traduzidos, principalmente do francês. Os autores mais difundidos eram M. Delly (pseudônimo literário de um casal francês), Concórdia Merrel, Gruy Wirta, etc. M. Delly era quem tinha mais títulos publicados – cerca de 30 volumes.

Relendo essa literatura, conversando com ex-leitoras, vasculhando bibliotecas, nesse estudo, em especial, pretendo investigar pela análise dos romances da *Biblio-*

* Centro de Ciências da Educação da UFSC.

teca das Moças, que representações específicas de mulher e professora (educadora) são ali veiculadas e, além disso, questionar o quanto tais leituras poderiam engendrar um imaginário e uma identidade feminina próprias nessas gerações. Através dessa etnografia espero contribuir para a análise e problematização de pressupostos sobre os “papéis sociais” esperados de mulher/professora.

Selecionei para compor o *corpus* documental para análise, romances cuja tiragem ultrapassa a 3ª edição – o que indica, em vários casos, mais de 20 mil volumes vendidos, todos de autoria de M. Delly, cujos títulos aparecem arrolados ao final do trabalho.

As histórias narradas nesses romances remontam a um passado europeu vagamente localizado entre a segunda metade do século XIX até o início do século XX.

Os protagonistas dessas histórias são, na grande maioria das vezes, homens e mulheres membros da aristocracia européia, que viviam em castelos suntuosos, onde se realizavam festas, saraus, bailes.

O expediente de colocar aristocratas e fidalgos em quase todas as histórias favorece um clima de fantasia, uma forma de continuação dos contos de fada e isso parece ter agradado às expectativas da leitora burguesa, em especial. A França – palco da maioria das histórias – exercia ainda grande poder de fascínio no imaginário brasileiro. Hábitos, modas, mobiliário, vocabulário e educação, por exemplo, mantinham uma tônica francesa e é principalmente de Paris que vem manuais de delicadeza, e de guloseimas disputados pelas mocinhas casadoiras. Também, era considerado refinado para a burguesia ascendente brasileira, do início do século até as décadas de 40 e 50, aprender a falar francês e ler, também, literatura francesa.

A *Biblioteca das Moças* fez muito sucesso de público e vendas, e, sua leitura era também bastante incentivada nos colégios religiosos notadamente os de procedência francesa que marcaram significativamente a educação feminina da burguesia brasileira.

A descrição feita das mulheres nesses romances obedecem a um paradigma dualista: Heroínas, modelo de virtudes – *doces, castas, discretas* ou Anti-heroínas – *más, frívolas, vingativas*. As heroínas *ruborizam, estremeçam, balbuciam*, são cheias de *graça natural* e de *profundo encanto*, além de donas de uma *alma ardente e pura*. Devem saber esperar, ser pacientes, *renunciar...*

Do exame do enredo desses romances pode-se encontrar uma matriz reveladora da construção de um modelo – um ideal de mulher dotada de atributos como o refinamento, a bondade, polidez, a discrição, aliados, a uma noção precisa de hierarquia e submissão. A mulher aparece ligada à família e a tudo que ela simboliza

em termos de valores: mulher/mãe/esposa dedicada e submissa vão ajudando a definir um padrão ideal para a leitora:

É o ideal feminino: bondade, dedicação, energia, delicadeza incomparável. É aquela modéstia, aquela simplicidade, que faz que se ignore a si mesma. (Magali, p.127)

Sua natureza (de mulher) acomodava-se à submissão passiva... (Escrava ou Rainha?, p.81)

Assim, ao que tudo indica, a identidade da mulher definia-se prioritariamente na esfera do doméstico, da casa, cujos cuidados mesmo quando feitos por criados ou governantas, eram supervisionados pela dona da casa, a "rainha do lar". *Vasos maravilhosos* eram enfeitados com *ricas flores*, sempre exóticas, pouco conhecidas e até mesmo estranhas em climas como o nosso. As flores chamavam-se *os nenúfares*, *as clematites*, *os jacintos*, *as açúenas*, *as urzes* que remetiam a lugares e coisas distantes possibilitando fantasias. (...) Havia *mesas de alvíssimas* enfeitadas por *esplendorosas estatuetas* e adornadas por rendas trazidas de lugares distantes como a Pérsia e a Índia. As mulheres sentavam-se em *poltronas de ébano bem talhadas*, esperavam o marido reclinadas em *divãs de brocado* iluminadas por *abajures cor-de-púrpura*. Tudo era detalhadamente descrito como adornos próprios e essenciais ao mundo doméstico – o mundo oferecido à mulher "burguesa", a leitora da *Biblioteca das Moças*.

A dicotomia público/privado aparecia constantemente e de forma clara. O espaço privado era próprio da mulher-heroína – a casa, a família, as atividades domésticas. No público, sua atuação era basicamente como professora. Estas formulações põem em relevo a oposição entre o público e o privado¹. Ao público, identificam-se o trabalho, a política, a rua, o masculino. Ao privado, a casa, a família, o doméstico, o feminino e pelo menos no plano das representações, a mulher nos romances da *Biblioteca das Moças*, pertencia à esfera do privado. Ele, no público, trabalhando a ascensão na escala dominante de valores, administrando suas *vastas propriedades* ou em *em reuniões de negócios* em seus escritórios. Guerreiro incansável. Ela, em casa, abastecendo o guerreiro. Esposa dedicada e *amantíssima*:

... declarava que o verdadeiro lugar da mulher é no lar..." (Magali, p.189)

Entre casais, não há alusão a contatos físicos. O corpo é muito pouco mencionado, tudo parece estar sob controle (principalmente a sexualidade) e as referências se restringem a *grandes olhos aveludados*, *dedinhos afusados*, *lábios carminados* para ela, e *estatura elegante*, *porte soberbo*, *olhar penetrante* para ele. A imagem

1. Público" e "Privado" são categorias historicamente delimitadas e culturalmente percebidas, como alerta Da Matta, Roberto. *A Casa e a Rua*. Guanabara, 1987.

de mulher era identificada à da Virgem Maria. No entanto, pode-se pensar que tudo o que se fazia na direção de Maria, *cultos, adornar a Capela da Virgem, obras pias*, tinha como antítese a imagem de Eva, ou seja, as “virtudes femininas” eram incentivadas antes de mais nada, com o propósito de negar/disciplinar a “natureza lasciva e corrompedora” da mulher, que se supõe implicitamente admitida, de vez que tais idéias correspondiam ao pensamento da Igreja, expresso pelo Papa Pio XII em 1943.

A igualdade de direitos com o homem, trazendo o abandono da casa onde ela era a Rainha, sujeita a mulher ao mesmo peso e tempo de trabalho. Desprestigiou-se a sua verdadeira dignidade (...) o caráter de seu ser feminil... (apud Saffiotti, op. cit., pp.99-100).

Nessa literatura romântica de procedência francesa, a linguagem estava embebida de catolicismo e as práticas religiosas ocupavam lugar destacado na formação das jovens, como nos aponta Cláudia Fonseca:

A educação da *jeune fille* burguesa na virada do século era eminentemente católica. Os excessos de piedade (...) são notórios.

O culto mariano encorajado, desde o início do século (...) fornecia um modelo feminino de paciência, submissão e abnegação (1989: 114).

E parece estar aqui um bom motivo para que os colégios femininos de orientação católica, incentivassem sua leitura para “instruir seus filhos na fé ou ser também professoras de meninas”.

Magali explicava o catecismo aos garotos. Sua voz harmoniosa (...) explicava as verdades da fé. (Magali, p.217)

Amélia era de natural discreto... de família religiosa (seu irmão era padre) de alma simples e modesta era a professora das meninas Isabel e Ofélia. Era uma amiga (...) demonstrava discrição e bom senso. (Magali, pp.11-12)

Essas concepções expressam que para o exercício da profissão de “professoras de meninas” era necessário, a simplicidade, a modéstia, a discrição além, é claro, dos “dons naturais” da mulher para educar. A professora era dispensável atributos físicos (beleza, mesmo!) como alertam os autores da *Biblioteca das Moças*.

Você é bonita demais para se fazer professora. Com esta beleza e esse porte real, todas as suas alunas ficariam com ciúmes. (Magali, p.107)

Que família aceitará jamais como professora... () uma moça com este entorno, esses modos de fidalga. (Mitsi, p.59)

Estas citações parecem evidenciar também uma postura para a professora: modesta, sem “porte real” (?), talvez austeridade em vestir-se. (...) A esse respeito convém transcrever um depoimento colhido por Louro (1987) sobre as professoras na década de 40: “Realmente aqueles tipos eram ímpares! A maior parte são soturnas, sofridas... eram pessoas de aspecto até ascético, vestidas meio pobremente, um aspecto tão sofrido...” (p.53)

Pode-se inferir desses indícios que a leitura foi um dos processos que ajudaram a sedimentar a imagem do magistério como “ocupação ideal para mulheres” junto a outras idéias expressas por educadores que argumentavam ser o magistério carreira mais adequada à natureza feminina, pois requeria amor, dedicação, minúcia e paciência. Figuras maternas e puras ... imagens construídas sobre os atributos da mãe ligam-se visceralmente à imagem da professora. O papel da professora seria a extensão de uma atividade que já ocorria dentro de casa. Ela deveria ser afetiva, terna, paciente, sem deixar de ser severa e disciplinadora, portanto, atributos femininos “por natureza”, como “natural” seria, para a mulher, o ato de educar e esta idéia parece ter sido um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher o magistério como ocupação.

Assim, a idéia de educar, de ser professora estava identificada como “sublime tarefa” e significa tanto garantir a formação do “bom caráter” como, num sentido caritativo-assistencial ter *carinho maternal* para com os desprotegidos e num sentido religioso *irradiar a fé aos que lhe estão confiados por Deus*, citando como bastante frequência os exemplos *dos santos pelos desgraçados*. O objetivo da educação promotora de tais “virtudes” era claramente o de formar um “ser para o outro”, ou seja, seguindo um projeto para outrem. Ela deverá ser filha, mulher e mãe.

Como se pode perceber à professora eram necessários os mesmos “dons naturais” inerentes, à mulheres e mães descritas nas narrativas dos romances da *Biblioteca das Moças* onde a idéia de educar pressupunha o princípio de uma promoção que passava pela aquisição de uma competência doméstica. O acesso da mulher à esfera pública deveria portanto corresponder à suas “natural” vocação, ou seja, enquanto um prolongamento de suas funções de mãe e dona-de-casa, considerada a Escola como um local de maternagem simbólica.

Quanto à concepção de professora, além de “simples”, “discretas”, “sem ares de fidalga”, eram as que educavam “como mães e como mestras”. Eram as que

deviam amar os “pequeninos”, aos quais se voltariam com zelo, com a “dedicação de mulheres”, dando-lhes “o carinho maternal inato”. Das professoras exigiam-se atos sempre exemplares – atos sempre exemplares – atos de sacrifícios e renúncias, pois “não nos é permitido semear senão beleza”. Enfim, ser professora era, sempre, uma “tarefa sublime” qualificada como arte, missão, sacerdócio.

Múltiplos e variados exemplos ilustram, portanto, a maneira como vai sendo construído o “ideal feminino” de mulher/mãe e professora, expressos tanto em romances da *Biblioteca das Moças* – onde o clima de fantasia está repleto de valores – como em outros dispositivos mais explicitamente normativos como a legislação, as palestras, os discursos das e sobre as mulheres em que o verossímil e o inverossímil parecem ter uma mesma substância.

Contar a minha leitura da *Biblioteca das Moças*, nesse momento, não pôde deixar de lado minha própria experiência como leitora desses livros na adolescência. Talvez esta situação pudesse ficar mais escondida num estudo que se pretende acadêmico, mas em tempos tão caóticos como os que vivemos onde a história e a memória tendem a ser obscurecidas pelas *fúrias modernizantes dos que se empolgam com o poder*² pareceu-me importante recuperar uma experiência comum a tantas mulheres. Para isso busquei as reflexões de Walter Benjamin (1987) para quem: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (p.201) e que “nada do que um dia aconteceu pode ser perdido para a história” (p.223).

Instigada, então, pela “gulodice em narrar” e pouco perder e por ser o tema fluído (mulheres/leituras) recorri à narrativa porque neste campo que prescindia de conceitos fixos, o método foi sendo construído; narrei para historicizar os conceitos, descrever e analisar as situações. Narrar exigiu flexibilidade, daí a opção por abordagens interdisciplinares que permitiram incorporar e articular outros saberes aos da educação, “lendo com múltiplos olhos o que estava escrito, ouvindo com múltiplos ouvidos o que foi contado e o que foi silenciado” (Lopes, 1989).

Ao analisar as narrativas dos romances da *Biblioteca das Moças*, leituras femininas por excelência, e constatando a popularidade dessas leituras entre adolescentes, nas décadas de 40, 50 e 60 e o encantamento que despertavam³ posso arriscar dizer que a leitura, nesse caso específico, funcionou como uma forma de socialização secundária, como um dos processos formais para a interiorização e/ou reforço de

2. Citado pela historiadora Maria Cândida Delgado Reis (1991).

3. Estas constatações se baseiam, em entrevistas realizadas com professoras primárias, ex-leitoras da *Biblioteca das Moças*, tanto em Florianópolis como São Paulo.

valores, *sub-mundos*, como explicitam Berger e Luckmann (1990:185 e Passin). Assim, a leitura parece ter sido importante enquanto paradigma para a construção de uma identidade feminina (de mulher e professora, especialmente) em seu público leitor, mas, não somente pelo simples ato de ler em si mas, pelo fato de que tais valores expressos nos livros, tendiam a reforçar o que, já tinha sido interiorizado no processo precedente da socialização primária, entendida “como a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade” (Berger e Luckmann, 1990:175).

Abordar a leitura nessa perspectiva e considerar, também, a irredutível liberdade das leitoras, pois a leitura é, quase sempre, prática criadora capaz de produzir outros sentidos completamente singulares e que nem sempre se recuzem às intenções daqueles que escrevem. Não se trata, portanto, de estabelecer uma relação imediata entre texto e leitora (onde se “reproduziria” integralmente o lido) mas, de considerar a leitura como uma das formas de apropriação de hábitos e valores “capazes de afetar o leitor podendo até conduzi-lo a uma nova norma de compreensão de si mesmo e do mundo”, ou seja, a uma “re-figuração da experiência” (Chartier, 1990:24 e Passin).

A necessidade de colocar, mesmo que precariamente, um ponto ou mais para *abandonar* este trabalho me obriga a admitir que apesar de todo os inventários feitos e de todas as teorias usadas existirão ainda, a cada nova leitura, ruídos perturbadores, vozes dissonantes, ou mesmo silêncios eloqüentes para serem descobertos e dissecados. Certamente vou me aventurar nesta busca que será, acima de tudo “uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelo arquivos” como ensina Gilberto Freire⁴. Finalmente, nesta ousada tentativa de levar para um espaço público a experiência privada da leitura talvez só tenha sido possível, aqui e acolá, mapear fronteiras e perceber que, mesmo penetrando nos avessos das certezas, continua insolúvel o mistério central (contos de fada? Contos de vida?). Contínuo, portanto, no meio da rua e cada vez mais seduzida a realizar a travessia que essa, sim, promete ser fascinante e, mais uma vez Guimarães Rosa responde por mim: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.⁵

4. Cf. prefácio à 1ª edição de *Casa Grande e Senzala*, 23ª ed. Rio de Janeiro, Record, p.LXXV.

5. As citações de Guimarães Rosa, neste texto, foram extraídas de seu livro *Grande Sertão: Veredas*, que me fascina, seduz e encanta a cada nova virada.

Referências Bibliográficas

- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Berger, P. e Luckmann, T. *A construção social da realidade*. 8ª ed. Petrópolis, Vozes, 1990.
- Chartier, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa, Difel, 1990.
- Fonseca, Cláudia. “Solteironas de Fino Trato: Reflexões em Torno do (não-) Casamento entre Pequeno-Burguesas no Início do Século”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 9(18):99-120, ago./set., 1989.
- Leal, Elisabeth J. M. e Cunha, Maria Teresa S. *A Educação da Mulher: Uma Visão do Cotidiano de um Colégio Religioso Feminino*. Relatório de Pesquisa, INEP, 1991. (Mimeo).
- Louro, Guacira Lopes. *Prendas e Anti-Prendas*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1987.
- Lopes, Eliane Marta S. T. *Mentalidades e Educação: um Cruzamento Necessário*. FAGI/UFMG. (Mimeo).
- Reis, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de Destinos – Mulher e Educação: São Paulo, 1910/20/30*. Dissertação de Mestrado em História. PUC/SP, 1991. (Mimeo).
- Rosa, J. Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- Saffiotti, Heleieth Iara Bongiovani. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1979.

Romances da Biblioteca das Moças

- M. Delly. *Magali*. (vol. 52) 10ª ed., 1960.
- _____. *Freirinha*. (vol. 61) 1ª ed., 1946.
- _____. *Escrava ou Rainha?* (vol. 26), 1953.
- _____. *Meu vestido cor-do-céu*. (vol. 67), 1954.
- _____. *A vingança de Ralph*. (vol. 130) 3ª ed., 1959.
- _____. *Elfrida*. (vol. 22) 8ª ed., 1957.
- _____. *Alma em Flor*. (vol. 70) 4ª ed., 1958.
- _____. *Mitsi*. (vol.158), 1956.
- _____. *Orieta*. (vol. 155) 2ª ed., 1958.
- _____. *Um sonho que viveu*. (vol. 150) 2ª ed., 1958.